



https://doi.org/10.14195/2184-7193_2_2

Dos sítios e das Paisagens

A Pré-história Recente do Alto Douro

João Muralha Cardoso | CEAACP/FCT/UCoimbra



A meseta e uma tempestade que se aproxima. Foto tirada a norte do rio Douro, do sítio arqueológico de Urros. A experiência da paisagem, do lugar é sempre única. Única nas circunstâncias e na forma corporal. A paisagem é revelada através do corpo e da sua mobilidade. É percebida e experienciada através dos sentidos que combinados formam aspectos complementares de compreensão de um território.

A riqueza arqueológica do Alto Douro apenas foi revelada nos últimos 25 anos; as gravuras paleolíticas e a arte esquemática, os sítios da pré-história recente e a ocupação no período romano tornaram-se eixos de investigação importantes num território de baixa densidade e muito esquecido.

Ao mesmo tempo, a prospecção arqueológica tornou-se um excelente instrumento de gestão territorial: conhecer a área do Parque Arqueológico do Vale do Côa, elaboração de cartas arqueológicas municipais e, mais recentemente, mitigar os efeitos destrutivos das grandes obras públicas. No entanto, a prospecção nunca era um projecto com identidade própria e com um questionário específico.

As escavações arqueológicas em Castelo Velho de Freixo de Numão e em Castanheiro do Vento, começaram a alterar este paradigma. Aqui a prospecção surgiu num contexto interpretativo: acrescentar camadas de reflexão aos sítios arqueológicos.

É neste contexto que o surge o projecto "O Espaço e a Arquitectura de um território: O Alto Douro Português durante o 3º e o 2º milénio AC." Os objectivos passavam por um trabalho intenso de prospecção, com um questionário orientado à paisagem.

Geralmente o inquérito científico expressa a relação entre pessoas e paisagem de uma forma positivista. Os sítios arqueológicos são marcados numa cartografia bidimensional onde temos uma representação cartesiana do espaço; os "mapas de distribuição do povoamento". Com esta perspectiva perde-se o impacto da experiência humana da paisagem, retirando-lhe igualmente o seu significado cultural.



O nevoeiro no rio Côa, vista das plataformas das Lapas Cabreiras (sítio arqueológico). A importância de experienciar e perceber a paisagem através das estações do ano, através da revisitação constante. O que se vê e o que não se vê, em determinada altura do ano ou do dia.



O sítio arqueológico da Quinta de Alfarela, voltado ao rio Douro, perto da foz do rio Sabor. A implantação deste lugar não se cinge ao "controlo" das linhas de água. As suas linhas de horizonte e visibilidade, colocam-no a 20 km de distância, junto a lugares como Senhora do Viso e Castelo de Numão.

Assim, o nosso questionário objectivava a implantação dos sítios, o seu posicionamento na paisagem, as relações com outros sítios e com certas especificidades geomorfológicas, considerando igualmente linhas de mobilidade, de horizonte, de visibilidades e intervisibilidades que interseccionam constantemente o território. Nesta perspectiva, os sítios

arqueológicos são lugares de acções humanas integrados num entrelaçado complexo de outros lugares e espaços entre eles [a arquitectura de um território]. O estudo desta dinâmica constituiu o objectivo central do projecto.



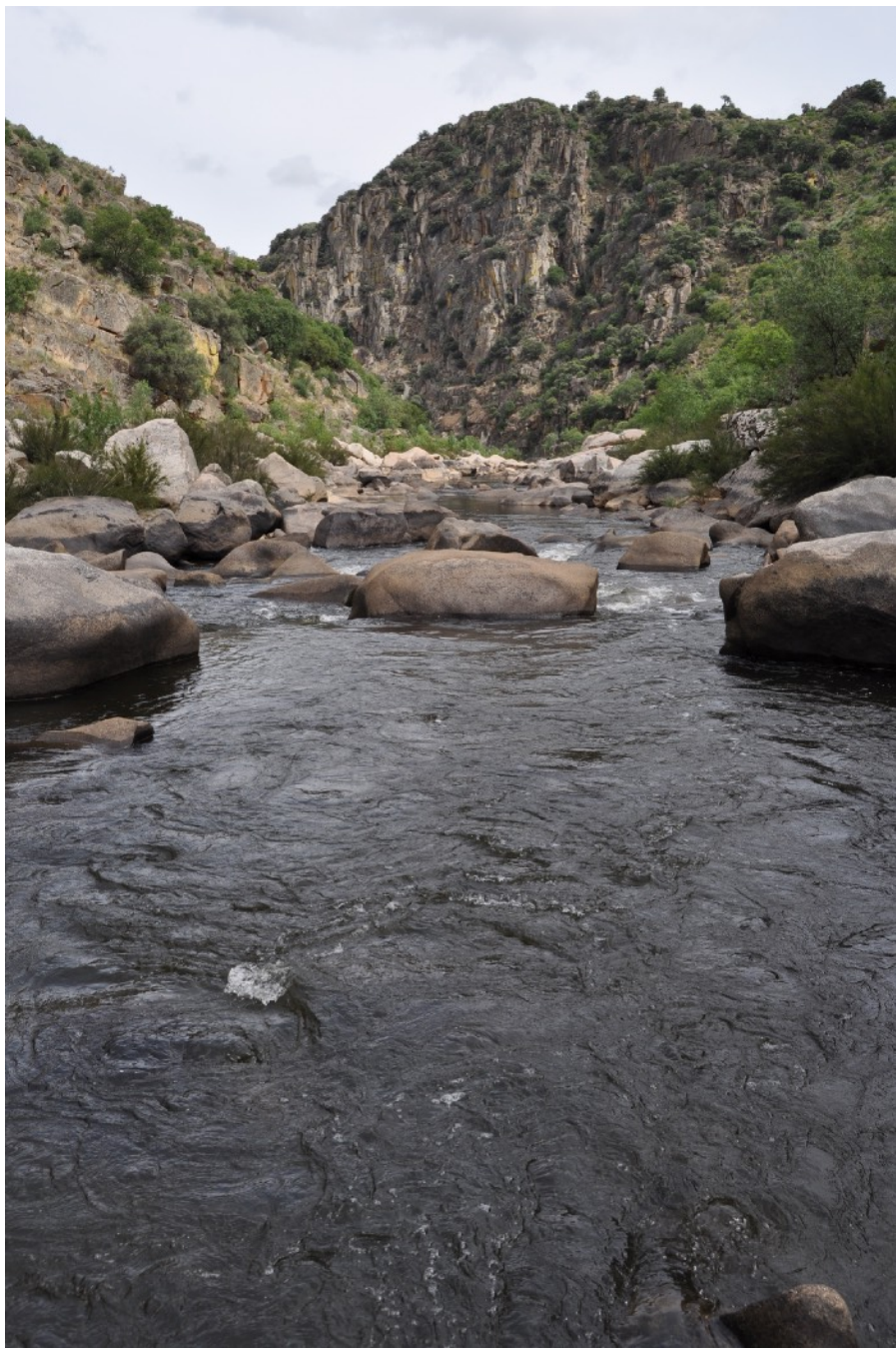
O monte de São Gabriel, do lado direito da imagem e o vale do Côa. As pinturas esquemáticas aqui encontradas completamente voltadas ao extenso planalto de Algodres e ao vale do Côa, assim como os achados dispersos de cerâmicas encontradas no sopé desta crista quartzítica, remetem-nos para uma "arquitectura do território" baseada na mobilidade destas comunidades. Um território vivido, habitado e percebido pelo homem. Os sítios não podem ser interpretados como lugares fixos, contidos na paisagem. São lugares que têm de ser pensados através de um contexto relacional de compromisso com essa paisagem.



O rio Douro. No horizonte São Gabriel e a serra da Marofa. A foz da ribeira do Vale da Vila. Muitos sítios são observáveis nesta imagem; Castelo Velho de Freixo de Numão, Seixo, São Gabriel e o Sítio das Eiras. A relação do homem com a paisagem é dispersa, não acontece num só lugar. Não está fixa, presa. O homem vai conhecendo o mundo continuamente através da movimentação, através do tempo. Existe uma temporalidade da paisagem que se torna não só tempo, mas que incorpora os sentidos, as memórias, os sentimentos e a própria imaginação.



O Douro no Inverno, a neve e o nevoeiro.



O vale do Côa granítico, muito fechado, nas áreas do Ervideiro e da Faia (sítios de arte rupestre), continua a remeter para o estudo da paisagem, não só como ambiente físico, mas também com um significado humano (lugares onde comunidades agiram). Isto inclui os rios, as rochas, a água, não como objectos abstractos, mas sim como entidades significantes, lugares ontológicos e experienciais da sua vida e das suas práticas sociais.



Após os seis anos de projecto, dos quais dois foram passados a caminhar, a observação mais importante relaciona-se à intensa variabilidade de/dos sítios arqueológicos. Parecem sugerir dinâmicas temporais que se tornam estruturantes desse território. A arquitectura de um território surge como um processo dialógico, constitutivo, negociado, de comunidades que viviam, movimentavam-se e se estruturavam a si próprias ao mesmo tempo que organizavam o "seu" território. "Seu" enquanto habitado, percorrido, vivido.

Foram caracterizados 108 sítios arqueológicos, numa área entre o rio Águeda e o rio Torto e a Serra da Marofa e o rio Douro. A caracterização implicava o preenchimento de uma base de dados com a possibilidade de preencher 103 campos e uma visita aos sítios duas a quatro vezes por ano, tendo em conta as questões de (inter)visibilidades e percepção da paisagem. A prospecção e preenchimento da Base de Dados permitiu ainda propor uma reconceptualização da tipologia vigente dos sítios arqueológicos; de povoados fortificados e povoados abertos para a existência de uma diversidade de sítios muito maior; recintos murados, sítios sem delimitações estruturais e especificidades geomorfológicas com ocupação.

Sob um ponto de vista interpretativo, reflectimos sobre a noção de território ocupado, tentando descartar visões etnocêntricas do comportamento humano projectadas no passado. Os sítios não correspondem apenas a determinadas categorias, nem à forma como uma comunidade habita uma região. Os sítios são também exemplos de percepção de um território experiencial em oposição a um espaço cartesiano. A percepção humana da paisagem tem que ser um dado importante para se perceber o tipo de relações espaciais aí existentes. Neste contexto, os sítios/lugares de ocupação não devem ser conceptualizados como locais fechados, encerrados sobre a sua "cultura material", protegendo a sua população do exterior "selvagem". Os lugares fazem parte de uma imensa paisagem, fluída e social, onde os caminhos, as características topográficas, os homens, os animais detêm um papel significativo na criação cultural.



No centro da imagem a Quinta da Abelheira, um pequeno cabeço voltado ao rio Douro. Um sítio arqueológico visível de todos os lados. Esta imagem remete-nos para a ideia de apreensão de um território. A percepção do mundo incorpora a percepção do lugar onde se está, onde se habita. Não existe um lugar de "habitação", existe um processo constante de integração de uma comunidade numa paisagem e em todas as suas acções.



Temos de perceber os sítios como lugares historicamente constituídos. A escolha de um sítio não é um acto isolado, é um acontecimento social que acontece numa paisagem cheia de significados, de referências a usos antigos desse lugar. A ocupação de um território deverá estar intimamente ligada à biografia dos indivíduos e dos grupos. Essas biografias são feitas de redes de relações e acontecimentos que são inseparáveis dos lugares experienciados, são inseparáveis de uma sequência temporal, constituindo narrativas da identidade humana, constituindo biografias. Sugere-se que os lugares ocupados surgem através da sua inserção dentro de redes de relações humanas que se estendem ao longo do espaço e do tempo. Nesta imagem do rio Côa, fotografada perto das Lapas Cabreiras, temos os sítios da Mioteira e da Lage Gorda. São áreas persistentes de ocupação (do 3.º ao 1.º milénio AC), serão áreas identitárias destas comunidades.

